RELATÓRIO DA VISITA DE ESTUDO AO MARÃO



Trabalho realizado por:

Armando Pereira

Gualdino Alves

Ricardo Veloso

Tânia Pereira

Tânia Veloso

No âmbito da disciplina de Desenvolvimento Rural, realizámos, no passado dia 8 de Março, uma visita de estudo à Serra do Marão.

Esta encontra-se situada na região de transição do Douro Litoral e do Alto Douro, atingindo uma altitude de 1415 metros, num ponto conhecido como Senhora da Serra, esta altitude caracteriza-a como sendo a sexta maior elevação de Portugal, integrando a cadeia montanhosa que se estende até à Serra do Alvão. Atingindo uma área de, aproximadamente, 20.000 hectares, correspondendo 75% destes a baldios.

Os invernos, nesta região, são caracterizados por temperaturas baixas, havendo mesmo queda de neve do cume.

Devido ao facto das suas características, climáticas, geológicas (provém de solos xistosos e graníticos), morfológicas, etc, a Serra do Marão é ocupada por variadas espécies, pois o facto de existirem vários cursos de água na região, facilita a distribuição das espécies no território.

Quando Salazar assumiu o leme do país, ordenou que todas as áreas que até à data não possuíam vegetação, fossem arborizadas. Assim sendo, o Marão ficou povoado de espécies como *Pinus nigra,* *Pinus pinaster e Pinus sylvestris,* porém estas espécies tornaram o solo fraco demais para poder suportar outras espécies, senão aquelas que já estavam habituadas ao solo em questão, contudo, havia (e ainda há) a problemática dos incêndios, que faz com que a situação se agrave ainda mais.

Aliás, foi precisamente o ano de 1985 que um incêndio, de grandes proporções, acabou por devastar a vegetação, arbórea e não só, num total de cerca de 2600 hectares que existia na Serra do Marão. Contudo, uma pequena zona de *Pinus sylvestris*, localizada perto da bacia do Ramalhoso, conseguiu sobreviver.

No ano 1988/89 a Serra do Marão teve uma pequena ajuda no que dizia respeito à sua arborização, ou seja, com a implementação do Plano de Acção Florestal, foram criados 6 projectos diferentes, estes foram feitos tendo como base de apoio as linhas de água do território. Apesar de tudo, só em 1991 é que a arborização se efectuou, no entanto, houve erros que levaram ao fracasso da operação, pois muitas áreas foram reflorestadas por *Pinus pinaster*, quando deveriam ter sido arborizadas com outras espécies, por exemplo uma folhosa.

Com o passar do tempo, a gestão dessas áreas foi revista e, em 2005, foram criadas parcelas anti-fogo, isto é, foram criadas zonas com vegetação descontínua, utilizando o método do fogo controlado e por conseguinte foram plantadas espécies como o *Quercus, o Ilex aquifolium, a Betula alba,* etc.

Na visita que efectuámos à Serra do Marão, tivemos a oportunidade de ter presente o Sr. Presidente do Conselho de Baldios de Ansiães, o Sr. Joaquim Miranda e também tivemos a companhia da Junta de Freguesia de Aboadela e do Conselho de Compartes de Aboadela. Estas entidades foram importantes na visita, devido ao facto de nos terem explicado e informado a cerca daquilo que se passa num terreno baldio.

**Baldios**

Antes de mais, um baldio é uma área de monte que pertence a uma certa população e, que só essa mesma população pode usufruir desse terreno.

Para podermos dar um exemplo, temos o caso do baldio de Anciães, que foi reconhecido como parte da freguesia de Ansiães e que tem uma área de cerca 2.500 hectares. Este baldio tornou-se fundamental para os habitantes desta freguesia pois é o local onde eles têm as suas apiculturas, onde podem pastorear o gado e onde podem ter acesso a outros recursos, como por exemplo, a água e a madeira. Os ganhos que o baldio teve com a venda da madeira foi investido, não só na freguesia, na construção do centro social, dos lavadouros públicos e por aí fora, mas também na serra, com o alargamento e reparação das vias, por forma a facilitar as movimentações na serra, no caso de incêndios, por exemplo.

Nesta ida à Serra do Marão, ficámos com a ideia de que no nosso país existem vários terrenos que não têm dono nem sequer estão sob uma gestão adequada do território, o que faz com que muitas pessoas não melhorem o seu nível de vida por não aproveitarem o que poderá advir de uma gestão bem feita de um baldio.

A par dos baldios, o Marão esteve já sob outras explorações, como por exemplo, as minas de volfrâmio, após a II Guerra Mundial, que empregaram cerca de uma centena de pessoas, e o pastoreio, que ainda hoje se pratica. Porém, este nem sempre foi positivo para a bonita serra, visto ter causado graves problemas em certas áreas, devido ao pastoreio intensivo nessas mesmas áreas.

**Banco de Trutas**

Durante a visita de estudo, fomos visitar o banco de trutas do Marão. O banco foi criado para que os habitantes da zona de Trás-os-Montes tivessem a possibilidade de usufruir de peixe fresco, neste caso trutas, que viriam do banco de trutas.

Aquando a visita, deparamo-nos com a criação das trutas em viveiro, ou seja, dentro de um pequeno edifício enquanto estavam na fase embrionária, eram criadas condições para que elas pudessem crescer em boas condições, como é o exemplo de água com boa qualidade, limpa de resíduos e uma alimentação adequada.

Quando atingirem um certo nível de maturidade, são levadas para o exterior do edifício onde podem crescer, estando em contacto com a natureza, com o ‘selvagem’.

É de notar que durante as observações feitas no banco, era notório a circulação das trutas mais maduras por pequenas correntes de água criadas artificialmente.

Durante uma conversa que um dos alunos deste grupo teve com o professor Portela, ficou-se a saber que este banco de trutas era antigamente mantido por cerca de meia dúzia de pessoas, sendo que algumas das quais já trabalhavam lá há 30 anos quando injustificadamente foram despedidas. Quando mais tarde viram que era necessária a manutenção do banco, foram mais uma vez buscar trabalhadores para lá, que não conheciam aquilo! Isto mostra uma grande falta de bom senso pela entidade empregadora, merecendo por isso o nosso reparo.

**Depois do almoço…**

Após a hora de almoço e todo o convívio entre alunos e responsáveis pela visita a esta serra, realizamos uma caminhada até ao local onde antigamente, uma casa de gelo se encontrava. Esta casa não é uma casa feita de gelo mas sim de pedra com uma forma redonda e agora encontra-se em ruínas. Era neste local que antigamente o povo guardava neve ou gelo para quando fosse preciso, principalmente no Verão, para fornecer ao Rei e também para venda.

Depois de breves explicações sobre este local seguimos a nossa caminhada sobre a Serra do Marão com o destino da pousada desta mesma serra.

Mesmo com condições climatéricas pouco favoráveis para observações, a nossa caminhada foi bem sucedida. Apreciamos o que aquela serra tem de mais bonito, a sua paisagem magnífica.

Em jeito de conclusão:

Aquando a chegada ao destino, como estava muito vento e frio o nosso professor reuniu-se com a gerência da pousada para nos poder dar abrigo por uns breves instantes, e podermos ouvir a Engenheira Florestal Mafalda com as explicações sobre o seu trabalho na câmara municipal de Amarante e o que ela mais aprecia na serra bem como o trabalho que tem elaborado até á data.

Com a ajuda de um chá ou café oferecido pelo professor, esta visita sem duvida ficará na memoria, pois visitamos uma das serras mais bonitas que o nosso país possui, e aprendemos o essencial para perceber o quanto ela é importante para a comunidade em geral.

Com esta visita de estudo aprendemos mais sobre a unidade curricular de Desenvolvimento Rural, na medida em que foi discutido o antagonismo entre área comunitária e área privada, que suscitou uma discussão, pois claramente as entidades responsáveis pela manutenção pela área comunitária tomavam os terrenos como seus, como um bem privado. O professor tentou chamá-los à atenção, em jeito de reparo, mas em vão.

Estas entidades que representam a população que mantém as áreas comunitárias defendem que precisam de haver incentivos para que a população se mantenha nestas zonas, ajudando a mantê-la, e quanto a este tema todos concordamos, pois realmente é uma das grandes problemáticas do nosso país, o abandono destas áreas rurais para as zonas urbanas, e algo deve ser feito para contrariar essa tendência.